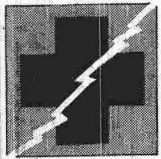


Acordar cedo e esperar horas. Por nada



SALVADOR — Acordar pelo menos às três horas da madrugada, passar horas a fio em filas, resistir à própria doença e à fome e

ser dotado de uma paciência sem limites para aturar o descaso dos funcionários. São os requisitos para qualquer segurado que precise marcar uma consulta no PAM-Roma, maior posto de Salvador.

Assim, para chegar à sala do médico, o segurado perde de três a quatro dias. Mas é bom estar preparado — se a doença permitir — para esperar até um mês para dar início ao tratamento. Depois da fila do médico clínico, que quase sempre encaminha o paciente a um especialista, vem uma nova fila: para marcar consulta com o especialista. Em seguida, mais outra: a da autorização para os exames que o especialista certamente pedirá. Mas ainda faltam três filas: uma para fazer os exames; outra para pegar os resultados dos exames; e, finalmente, mais uma, na volta ao especialista, para saber o diagnóstico. Depois, é só começar o tratamento.

A situação, porém, pode ficar mais complicada se o médico clínico encaminhar o paciente para uma clínica conveniada ao Suds. Aí, será preciso enfrentar a fila das fichas fornecidas pela Secretaria de Saúde do Estado. As fichas costumam acabar por volta do dia 10 de cada mês. Outras, só no mês seguinte.

Às 3h45m da madrugada da última terça-feira, Marinalva de Jesus Oliveira, de 35 anos, cardíaca, chegou ao PAM-Roma para obter uma autorização de consulta para um médico clínico. No dia seguinte, às 4 horas, voltou para conseguir a ficha que a encaminharia a um cardiologista, numa clínica credenciada pelo Suds. Quinta-feira, no mesmo horário, ela estava de volta, para providenciar guias para os exames solicitados.

Envelhecida precocemente, ar cansado, recém-saída de um princípio de infarto, Marinalva repetia que, pior do que as filas, só a sua rotina doméstica — cuida, sozinha, de 16 menores, entre crianças e adolescentes. São seis filhos seus e dez sobrinhos que perderam os pais. Tudo isso com uma pensão de Cr\$ 2 mil e mais um salário mínimo que recebe da LBA.

Na mesma fila, Dona Julieta de Araújo Santos, 57 anos, arrastando uma perna atacada por elefantíase, tentava marcar os exames do marido, que será operado de hérnia e está sem condições de se locomover.



Pam-Roma, em Salvador, às 5h da madrugada: a fila dobra o quarteirão

Dona Julieta chegara de Catu, a 78 quilômetros de Salvador, na noite anterior, e lamentava só haver conseguido entrar no posto às 6 horas da manhã. Amparada quase sempre a um corrimão e demonstrando estar, ela própria, precisando de médico, aguardava pacientemente sua vez, segurando um pequeno guardanapo com quatro biscoitos, seu único alimento durante toda a manhã.

— O médico disse que eu preciso de repouso absoluto por causa da perna, mas o que posso fazer? Meu velho tem de ser operado e só conta

comigo. O mundo agora é assim, tudo muito difícil. A única esperança que tenho é o céu — lamentou-se.

O administrador do Posto do Inamps do bairro de Roma, Adilson Dantas de Farias, não vê muitos problemas nas filas:

— Eu não acredito que todo esse pessoal aí esteja doente. Acho que o segurado do Inamps já pegou a mania de médico.

E completa:

— Por acaso existe alguma maneira de acabar com a fila nos bancos? É a mesma coisa — comparou.

Telefoto de Márcio Lima

“Tenho medo de morrer aqui nesse chão sujo e fedorento”

(Samuel Monteiro, padeiro desempregado, no Hospital Tide Setúbal, em São Paulo)

“Conseguir assistência médica é como acertar a loteria”

(Geovan do Nascimento, operário, desiludido após percorrer vários hospitais)

“Trabalhamos desiludidos, o que leva ao erro e à negligência”

(Roberto Assis Ferreira, Presidente do Sindicato dos Médicos de Minas)

“Ela estava mal. Ela precisava de internação e não viram isso”

(Vicente José Fiúza, dono de um bar, pai da menina Tais, morta no Inamps de BH)

“O tratamento era domiciliar. O posto da favela tinha o remédio”

(João Carlos da Cruz, médico do Inamps, processado pela morte de Tais)